Problematização religiosa e histórica do episódio Mucker

Por Adilson Schultz*

Resumo:

O texto apresenta uma descrição cronológica dos principais acontecimentos do evento Mucker e levanta questões sobre sua religião/piedade. Tendo sido apresentado durante o I Seminário de Estudos do NEPP como provocação à palestra de Martin Dreher sobre a religião de Jacobina, o texto reivindica que ciências fundamentalmente imanentes como História, Psicologia e Literatura não podem, sozinhas, dar conta de um fenômeno que teve motivações, conteúdo e desfecho, sobretudo, transcendentais, sendo necessária a intervenção da Teologia.

Parece que tudo começou com João Jorge Maurer, um colono descendente de imigrantes alemães, evangélico luterano, que falava *hünsruck* e era analfabeto. João aprendeu os segredos das ervas medicinais e, a partir de 1868 ou 1869, exerceu com êxito o ofício de curandeiro na colônia de São Leopoldo, RS, sendo conhecido como *Wunderdoctar*, o doutor maravilhoso, ou milagreiro. Muitas pessoas acorriam à sua casa, ao pé do morro Ferrabrás, hoje Sapiranga, onde além de remédios, famílias inteiras recebiam conselhos e descanso.

Nesse começo, portanto, o Ferrabrás era endereço de cura. Mas é nessa casa-hospital que apareceria aquela que se tornaria a líder do posterior movimento espiritual, Jacobina Mentz Maurer, casada com João. Inicialmente, ela ajudava o marido no preparo dos remédios e no cuidado e na hospedagem das pessoas doentes. Assim como o marido, Jacobina também trabalhava na roça, como todas as colonas da região. Casados em 1868, Jacobina e João levavam uma vida normal.

* Mestre em Teologia, com pesquisa sobre Protestantismo e Missão. Doutorando em Ciências da Religião no IEPG-EST, com pesquisa no campo Teologia e Literatura. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo e do Núcleo de Estudos e Pesquisa de Gênero.

A partir de 1871, no entanto, algo novo acontece: Jacobina passa a promover celebrações religiosas com as pessoas doentes e suas famílias, colonos da região, na sua maioria evangélico-luteranas - mas também católicas. Nessas reuniões, havia sempre oração e cantos religiosos. Jacobina lia a Bíblia e a interpretava. Em seguida, as pessoas participavam da interpretação. As longas distâncias e a escassez de pastores e padres fez com que esse tipo de culto na casa fosse muito comum à época. Jacobina sabia ler e interpretar a Bíblia, e isso já bastava para reunir as pessoas ao seu redor. A casa dos Maurer, agora, é endereço de cura e de reza.

Mas Jacobina tinha também o dom especial de ter visões, geralmente durante sonhos ou estados de letargia, depois de passar longas horas adormecida. Sua enfermidade era pouco conhecida à época, o que lhe conferia um ar de mistério, e Jacobina passou a ser vista como portadora de um dom divino. Quando despertava da letargia, aparentemente ainda em êxtase, ditava interpretações especiais de textos bíblicos e receitas médicas, orientando o marido quanto a que tipo de erva devia ser aplicada para determinada pessoa e doença.

Não demorou, para que Jacobina assumisse papel de destaque na casa, deslocando o foco central da peregrinação ao Ferrabrás, até então centrada nas curas de João. Jacobina curava com ajuda divina e também lia e interpretava a Bíblia e tinha visões. Aos poucos, pessoas que não tinham doença alguma vinham para ouvir Jacobina, cantar e rezar.

É a partir dessa comunidade de colonos, reunida ao redor de um curandeiro e, depois, de uma pregadora e sonhadora, que irromperia mais tarde uma comunidade religiosa disposta a defender-se com armas, a matar colonos e soldados inimigos, e até a morrer no combate. Como se operou tamanha mudança? Que elementos internos e externos estiveram em jogo?

Muito antes de rotular Jacobina, João Maurer e os colonos ao seu redor de Mucker, revoltosos, fanáticos, incendiários e mesmo assassinos, há que responder

minimamente duas questões: o que realmente acontecia na casa de Jacobina e João Maurer e quem eram essas centenas de pessoas que acorriam à casa deles para cantar, rezar e curar-se.

Quem ia à casa de Jacobina eram, sobretudo, colonos da região, que inicialmente buscavam cura e depois conforto espiritual. “Todos os relatos à disposição acerca dos primórdios do movimento Mucker, independente do seu caráter apologético ou inquisitório, reconhecem [apenas] que muitos colonos doentes, curiosos, fiéis, amigos, parentes, estranhos, se dirigiam para dentro da montanha do Ferrabrás para ver/provar das [curas] de João e ouvir/ver os sonhos de Jacobina.” (BIEHL, **Jamerthal**, p. 123). Tratava-se, portanto, de uma comunidade de colonos, mais ou menos na mesma situação financeira - nem a miséria total, nem prosperidade, mas o duro e normal trabalho da colônia; quase todas evangélicas e comunicando-se apenas em *hünsruck*; pessoas com boas relações com os vizinhos e com as autoridades locais. Jacobina e João Maurer eram respeitados por todos. Aparentemente, ela não era um demônio, nem uma prostituta, nem uma bruxa, nem uma louca, nem uma demente, nem uma doente, nem a encarnação do Cristo - para citar apenas alguns dos adjetivos a ela atribuídos pela imprensa, pela Igreja, pela polícia e governantes da época.

Mas, além de curas, o que se fazia no Ferrabrás? Por que um grupo de colonos despertaria tantos problemas na colônia? Aparentemente, pelo menos no início, nada de anormal ou extraordinário havia no Ferrabrás. João seguia curando, e sendo muito eficaz. Jacobina orava, lia a Bíblia e a interpretava. Uma descrição feita a partir de relatos de testemunhas visuais dá uma boa idéia do que acontecia nas reuniões ao redor de Jacobina:

Então tomava muitas vezes assento numa cadeira, sendo cercada de um roda de homens, mulheres e crianças. Na mesa diante dela, encontrava-se aberta a Bíblia. Sua vista brilhava de forma exaltada e os traços de seu rosto tomavam uma expressão `sobrenatural` ou misteriosa. Punha-se ela a ler. As palavras brotavam de modo moroso e desajeitado. Via-se que a leitura lhe causava dificuldades. Depois de

levados a termo uma frase ou algum trecho maior, começava a explicação, mudando-se-lhe, então, a voz, fluindo as palavras de seus lábios e sabendo ela, numa espécie de exaltação, dar ao que lera as interpretações mais singulares e surpreendentes. [...]

Por vezes os devotos encontravam, contudo, Jacobina reclinada em seu leito, tendo os olhos abertos voltados firmemente num ponto fixo, como se tivesse visões. Ditos curiosos, pronunciados com vagar, sentenças exortativas de teor bombástico ou profecias procediam de sua boca e preenchiam os ouvidos de um pavor misterioso, bem como de uma espécie de temor reverencial, como se tem diante de um ser `sobrenatural`.

Os altos conceitos que dela se tinham, moveram a muitos no sentido de lhe confiarem coisas secretas e de lhe pedirem, em casos dúbios, bons conselhos. Quanto a estes, Jacobina não sentia apuros. (SCHUPP, **Os Muckers**, p. 41-42)

Oração, cantos, leitura bíblica, pregação, visões, profecias, conselhos, curas. Esse era o conteúdo dos encontros de colonos na casa do Ferrabrás. O que havia de anormal eram apenas as visões. São essas visões de Jacobina, seus sonhos, que desencadariam mais tarde o conflito na colônia.

Muitas pessoas e grupos começaram a incomodar-se e construíram uma versão dramática do que acontecia na casa de Jacobina, disseminando a antipatia generalizada contra os Muckers e alimentando a veemente oposição da Igreja, de outros colonos e das autoridades políticas e policiais. Havia notícias sobre secretas e abomináveis práticas, desde troca obrigatória de casais até assassinatos/sacrifícios de crianças. Uma forte campanha de difamação tomou conta da região e do RS, tachando os Muckers de fanáticos e desordeiros. Jacobina seria doente e lunática. João Maurer, charlatão e demagogo. A Igreja acusa os Muckers e Jacobina de charlatanismo - é impactante no filme *A paixão de Jacobina* a grande foto de Lutero na sala onde o pastor e as autoridades decidem a sorte dos Muckers. Aparentemente, ela foi realmente expulsa da Igreja Luterana. Posteriormente, Jacobina proibiu as crianças de freqüentarem a escola e a Igreja, seja por causa da perseguição a que eram submetidas, seja porque estas instituições não ensinavam a verdade sobre a Bíblia. Depois de um fracassado culto, vendo que a maioria dos membros estavam no

culto na casa de Jacobina, o pastor local encabeçou um abaixo assinado dirigido às autoridades, solicitando imediata intervenção da polícia contra os Muckers.

Com a pressão externa, as reuniões de colonos foram se fechando e se institucionalizando para proteger-se. Diz-se que, na festa de Pentecostes de 1873, Jacobina teria se autoproclamado revelação divina, sendo chamada de “o Cristo” por algumas pessoas. Depois se disseminou a notícia de que Jacobina anunciava o fim do mundo, o dia em que os justos (os Muckers) combateriam contra os injustos e os venceriam. Diz-se que ela escolheu 12 apóstolos, seus fiéis escudeiros. Ao final, já em 1873 e 1874, os encontros de cura e reza do Ferrabrás já estavam envoltos em tons solenes e messiânicos.

Parece que foi a partir do avanço das pressões externas, promovidas, sobretudo, pela imprensa porto-alegrense e pela polícia de São Leopoldo na fase final do episódio, que Jacobina começou a pregar o fim do mundo, aparentemente como “saída” encontrada para dar sentido ao que todos pressentiam como inevitável, o confronto e a morte. O messianismo surge como explicação do confronto final - não explicação do mundo colono, esse amplamente explicado pela estrutura de culto cura e sonho oferecida por Jacobina e João, baseada numa espécie de religião natural.

Em 1873, num domingo de culto da Ascensão, os colonos Muckers foram presos, sob a acusação de assassinato de um colono da região. Jacobina foi levada de Sapiranga a São Leopoldo em estado de letargia, totalmente adormecida, transportada numa carroça, numa viagem de 9 horas. Depois de ficar um período internada na Santa Casa, em Porto Alegre, foi interrogada, e juntamente com os outros Muckers presos, liberada por falta de doença e falta de prova de crime. Os Muckers não eram doentes nem criminosos.

A partir desse episódio, no entanto, os Muckers parecem ter declarado guerra santa aos oponentes. Já haviam recorrido às autoridades para reclamar das agressões que vinham sofrendo por parte de outros colonos, que não apenas lhes

destratavam, mas queimavam suas caixas de abelhas, cortavam o rabo dos seus cavalos, roubavam suas melhores roupas no varal. Como último recurso, foram até ao Rio de Janeiro falar ao Imperador, mas nada foi feito. Sentiram que não havia mais a quem recorrer. O confronto parecia inevitável.

Em 1874, uma série de agressões mútuas entre os colonos, pró e anti-Mucker, tomou conta da pacata região, com incêndio de várias casas, estrebarias, prisões arbitrárias e assassinatos. Em junho e julho de 1874, o medo se instala, e os colonos se armam, anunciando uma catástrofe. Nos últimos meses, várias famílias de colonos, amedrontadas com as agressões dos vizinhos, ou mesmo esperando o fim do mundo, refugiam-se na propriedade dos Maurers, completando assim a cena do confronto, militar e apocalíptico. Em mutirão, aumentam o tamanho da casa e armam-se. Na noite do dia 25 de junho de 1874, justamente na data da comemoração do cinquentenário da imigração alemã, os Muckers imprimem um violento ataque aos inimigos, colonos da região, incendiando várias casas e matando várias pessoas. Formalmente, seriam posteriormente acusados de 16 assassinatos, inclusive de três crianças.

A imprensa local, altamente integrada ao debate da questão, vaticinava que a única solução seria mesmo o extermínio dos bruxos, nem mais a proposta de deportação do grupo para uma ilha oceânica era mais suficiente. Depois da noite de fogo, só restava o ataque do Exército Imperial.

E foram três ataques das forças legais, compostas por soldados e centenas de colonos. Ao primeiro, em 28 de junho, os Muckers resistiram e fizeram o exército recuar. Ao segundo, em 19 de julho, estando as forças legais compostas por centenas de homens, os Muckers sucumbem: a casa dos Maurers é incendiada, dezenas de colonos morrem no combate, e outros queimados, inclusive mulheres e crianças. Vários Muckers são presos. Morre também o coronel Genuíno Sampayo, líder das tropas imperiais.

Mas ainda faltava o desfecho: um grupo de colonos tinha se refugiado no mato, inclusive Jacobina. Contra eles o exército imprime o último combate em 2 de agosto de 1874. Depois de sangrenta batalha, morreram 16 colonos Muckers. Morre também Jacobina, aos 33 anos de idade, aproximadamente à hora nona do dia 02 de agosto de 1874. Ela cai no local onde hoje está plantada uma cruz ao pé do morro Ferrabrás. Ali ela e os 16 colonos seriam também sepultados, numa vala comum.

O Rio Grande do Sul comemorou o massacre do grupo de colonos e o relato do assassinato à queima roupa de Jacobina. Os Muckers tinham sido heroicamente extirpados da face da terra, e a paz e a ordem voltara à colônia e ao país.

A imprensa faz um longo debate a respeito, buscando as causas da tragédia. Entre os vários debates feitos, procurava-se pelos culpados da tragédia em colônia tão pacífica e ordeira. De quem era a culpa? Da Igreja Luterana que não dava assistência, que não tinha pastores ordenados? Do passado místico e eclesialmente separatista da família de Jacobina, também expulsa da Alemanha? Do governo brasileiro, que não fornecia médicos verdadeiros? Dos Jesuítas, com suas crendices em milagres? De um povo sem instrução que seguiu ingenuamente um casal de charlatões? Do acesso livre à Bíblia promovido pelos protestantes, esse livro perigoso? Dos políticos brasileiros e sua lentidão em agir judicialmente? Da maçonaria, com seu projeto positivista anti-religião? Das lideranças eclesiais protestantes, com seu projeto de germanização? Dos Brummers e de seu projeto de uma Nova Alemanha? Ou simplesmente de uma mulher que se intrometeu em serviço de homem? Ou seria mesmo coisa do demônio?

Para fazer esse debate da época e ainda recorrente nos dias de hoje, muitas perguntas seguem as mesmas, mas outras entram somente agora no debate: o que fazia com que esses colonos reunissem-se ao redor de uma sonhadora e de um curandeiro? Quem eram esses colonos? Quem eram Jacobina e João Maurer? O que eles faziam nas suas reuniões? O que eles rezavam; o que cantavam: Qual era a

paixão e a religião de Jacobina? Essas são as perguntas que o NEPP faz nesse seminário.

Só assim, e só depois de saber isso, é que saberemos como um grupo de colonos foi levado ao conflito armado, disposto a morrer e a matar. O caminho para encontrar as respostas passa por um desvio: desviar-se do conflito. Todos que tentam achar causas/respostas para o conflito acabam encontrando-as, mas elas não são suficientemente amplas. Explicar o conflito socialmente é aparentemente fácil. Rotular os Muckers de comunistas, também.

Tentando evitar a identificação dos Muckers e de seus algozes com um simples drama mocinho x bandido, o que parece evidente é que o grupo de colonos não apenas transformou-se, mas, sobretudo, foi transformado num bando de desordeiros. O Ferrabrás não foi construído apenas pelo casal Maurer. O que está no fundo dessa transformação é um discurso construído, consciente e inconscientemente, inicialmente, desde fora e, posteriormente, assumido pelos colonos, num intrincado jogo de poderes, saberes e interesses, sobretudo religiosos e políticos, entre diversas entidades da sociedade rio-grandense da época.

Podem ser identificados sete grupos distintos que estiveram diretamente envolvidos na formulação desse discurso e no desenrolar dos fatos:

- a Igreja Evangélica Luterana, por um lado, por causa do conflito entre pastores-leigos/colonos e pastores ordenados (sinodalização) e, por outro, por causa de seu projeto de germanização do RS. A Igreja não apenas se omitiu na fase dramática do conflito, mas atacou os colonos quando do abaixo assinado organizado pelo pastor local;
- a imprensa rio-grandense, sobretudo na pessoa de Karl von Koseritz, voz dos Brummers, grupo de alemães imigrantes caudatários de um modelo positivista de sociedade, que não tolerava manifestações

religiosas/espirituosas, muito menos aquelas fora do racional e do convencional;

- a Maçonaria - amplamente disseminada na região naquela época, inclusive entre os colonos - pelos mesmos motivos da imprensa;
- os Jesuítas, recém chegados à região, que aproveitaram os relatos dramáticos sobre os Muckers para desmoralizar o Protestantismo e fazer proselitismo;
- a polícia de São Leopoldo, que, sob influências e interesses políticos locais, exerceu implacável perseguição aos Muckers e vergonhosa manipulação dos fatos, execrando os colonos perante a opinião pública;
- os colonos não-Muckers da região, que não simpatizando com o grupo de Jacobina e temerosos, imprimiram ataques e dificultavam enormemente o dia-a-dia dos Muckers;
- os próprios colonos Muckers, que, como vimos, passaram rapidamente de um tipo de religião natural para um movimento messiânico agressivo, aparentemente sem controle centralizado na fase final.

Para além das questões contextuais desse jogo de poder e de saber na construção do discurso sobre os Muckers e na precipitação dos trágicos fatos, a pergunta essencial continua sendo “o que fazia com que os colonos se reunissem ao redor de Jacobina e João Maurer?” Parece que havia algo de inerente ao movimento, enquanto organização religiosa, que o tornava *sui generis*, apesar do contexto social, político, religioso. Poder-se-ia dizer que o fenômeno Mucker poderia ter acontecido em qualquer outro lugar, independente do contexto? De qualquer forma, não foi só

por causa da falta de médico ou de pastores que as pessoas iam à casa de Jacobina e João Maurer!

Se realmente for assim, isto significa dizer que, assim como todo fenômeno religioso, o episódio Mucker não pode ser analisado apenas pela história, pela psicologia, pela sociologia, ou pela antropologia sozinhas. Precisa estar junto a Teologia. Ciências essencialmente imanentes não podem dar conta, sozinhas, de algo que “parece” ter motivações, conteúdo e fins transcendentais. Parece haver um elemento genuinamente religioso no movimento Mucker, em Jacobina e João Maurer, muito aquém das construções simplistas de messianismo e de milenarismo, que ainda precisa ser profundamente debatido. Esse elemento certamente também está muito aquém de mera construção antropológica ou psicológica, ainda que determinadas pesquisas insistam em não reconhecer nos Muckers – e, de resto, em todo fenômeno religioso! - o aspecto genuinamente religioso.

Para estudar os Muckers, portanto, há que se ater também e, sobretudo, às questões da fé. O que havia de essencialmente religioso no movimento? O que eles cantavam? Quais textos Jacobina lia? O que ela pregava? Tratava-se de um movimento messiânico ou místico? E ainda, o outro lado da moeda religiosa: o que faltava no culto luterano da Igreja para que aqueles colonos ainda precisassem reunir-se ao redor de uma sonhadora e pregadora, e de um curandeiro de ervas?

Para concluir esta provocação introdutória, uma estrofe de um hino que, segundo historiadores, era o preferido de Jacobina. Ao recitá-lo, nós como que evocamos a memória todas as pessoas que morreram no episódio Mucker; ao lado de Jacobina ou contra ela.

Es glänzet der Christen inwendiges Leben,
obgleich sie von aussen die Sonne verbrannt.
Was ihnen der König des Himmels gegeben,
ist keinem als ihnen nur selber bekannt.
Was niemand verspüret, was niemand berühret,

Protestantismo em Revista

Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia
Volume 02, jan.-dez. de 2003 – ISSN 1678 6408

hat ihre erleuchteten Sinne gezieret
und sie zu der göttlichen Würde geführt.

Brilha a vida interior dos cristãos,
Mesmo que por fora o sol os queime.
O que o rei dos céus lhes deu,
A ninguém, só a eles próprios, é conhecido.
O que ninguém sentiu, o que a ninguém comoveu,
Afetou os seus sentidos iluminados
E os conduziu à dignidade divina.
(tradução: Esterles Roesse)

Isso era o Ferrabrás. O começo da paixão e da religião de Jacobina.